

A Formação Militar: Particularidades e Implicações no Comportamento Político das Forças Armadas

Denise Felipe Ribeiro^(*)

(...) aqui (...) a pessoa não fica à vontade, sabe? Você perde totalmente o contato com o mundo de fora, vamos dizer assim. Porque é o seguinte: do portão pra lá é um mundo, do portão pra cá é outro¹.

I

A epígrafe consiste em um depoimento prestado ao antropólogo Celso Castro, em função de sua pesquisa sobre a Academia Militar das Agulhas Negras. Ela pode suscitar variados questionamentos. Existiria realmente uma divisão radical entre o “mundo de dentro” (dos militares) e o “mundo de fora” (dos civis)? Em que medida estariam os militares distanciados do conjunto da sociedade, do “mundo de fora”? Qual a influência das particularidades que marcam a formação militar em seu comportamento político e na sua relação com os civis?

Pretendemos, nesse artigo, a partir de tais questões, tecer considerações gerais sobre a relação dos militares com o mundo civil. Adicionalmente, exercitamos uma reflexão acerca da influência dos militares na história política brasileira recente.

II

Fazendo a leitura de autobiografias e livros de memórias produzidos por militares, assim como de seus depoimentos prestados a jornalistas e cientistas sociais, não raro podemos

^(*) Mestranda em História pela Universidade Federal Fluminense. Professora de História da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. E-mail: df.ribeiro@gmail.com .

¹ Depoimento de um cadete citado em CASTRO (1990, p. 147).

encontrar referências à importância que tais personagens atribuem às relações pessoais estabelecidas no seio da corporação – não só aos laços de coleguismo como às rivalidades. Muitas vezes tais sentimentos têm sua origem no banco dos colégios militares e se perpetuam por toda a vida, algumas vezes se manifestando no momento da tomada de uma determinada posição política.

Mas, e para os estudiosos do assunto, quais são os fatores que podem influenciar o posicionamento político dos militares? Qual a influência das características próprias da instituição militar nas práticas políticas desse grupo social? É com indagações como estas que estaremos revendo, em trabalhos clássicos para o estudo do papel dos militares na política – como os de Edmundo Campos Coelho, Alfred Stepan, e outros mais recentes como os de João Roberto Martins Filho, Celso Castro e Piero de Camargo Leirner –, como cada um desses autores aborda questões como a origem social e o processo de socialização profissional dos militares e a influência de tais fatores na tomada de decisões políticas.

Alfred Stepan, um dos expoentes entre os “brasilianistas” que tentou compreender o processo político brasileiro que culminou na tomada do poder pelos militares em 1964, procurou averiguar, em seu trabalho *Os militares na política: as mudanças de padrões na vida brasileira*, qual padrão regula a relação entre militares e civis. Embora o autor leve em consideração a importância do estudo das características organizacionais e institucionais da instituição castrense, ressalta que não se devem isolar as Forças Armadas do sistema político como um todo, pois há uma interação da corporação com o restante da sociedade que não deve ser eclipsada nas análises. Além disso, Stepan considera a instituição militar no Brasil como uma instituição que desempenha funções políticas assim como os partidos políticos, os grupos de pressão ou os parlamentos. Entre as funções políticas desempenhadas pelas Forças Armadas poderíamos listar a articulação de reivindicações específicas, a regulação das relações entre grupos, a formulação e a implementação de políticas, chegando à escolha ou ao estabelecimento do Poder Executivo.²

Para Stepan, o comportamento de uma instituição militar deve ser analisado a partir do contexto total de seu ambiente político. Os papéis políticos desempenhados estariam atrelados a posição ocupada pelo subsistema representado pela instituição militar

² STEPAN (1975, p. 43-44).

no interior do sistema político. As características próprias das Forças Armadas não deveriam, portanto, ser entendidas como determinantes de comportamentos políticos.

Todavia, as características institucionais dos estabelecimentos militares não são de modo algum irrelevantes no plano político. Uma das tarefas centrais da sociologia política dos militares é estudar tanto o sistema político quanto a instituição militar e determinar como as características institucionais especiais de um estabelecimento militar particular moldam sua resposta às influências oriundas do sistema político. Às vezes, a variável institucional é extremamente importante³.

Assim, elementos como a presença ou ausência de normas burocráticas de promoção e nomeação dentro da organização militar, o teor da educação militar, o grau de unidade ideológica, e a amálgama de pressões no interior da instituição são variáveis institucionais muitas vezes relevantes em acontecimentos políticos. Para analisar as relações entre civis e militares e o comportamento político dos últimos, Stepan, entre outras questões, se ocupa da relação entre a origem social do quadro de oficiais, sua organização interna e seu comportamento político.

Stepan também lembra que, na falta de uma doutrina comum entre os oficiais, as diferenças individuais podem influenciar a tomada de decisões políticas. Tais influências podem ter sua origem na personalidade de cada um, na sua origem regional e sócio-econômica, nos setores em que cada um prestou serviço militar, nos envolvimento políticos passados e nas experiências de carreira.⁴

Uma das críticas ao trabalho de Stepan é feita por João Roberto Martins Filho. Baseado em um trabalho de João Quartim de Moraes, em que analisa as conseqüências da proposta metodológica do cientista político norte-americano para o estudo do regime militar brasileiro pós-1964, Martins Filho lembra que a construção de modelos, como o elaborado por Stepan, que estabelecem um padrão da relação entre “civis” e “militares” não leva em consideração a concretude dos sujeitos e a determinação histórica dos processos de transformação política⁵.

Outro trabalho significativo para a compreensão da inserção dos militares na política é *Em busca de identidade: o Exército e a política na sociedade brasileira*, de Edmundo Campos Coelho⁶. Questionando trabalhos que não se atêm à especificidade

³ Idem, p. 44.

⁴ Idem, p. 167.

⁵ MARTINS FILHO (1996, p. 29). Para a crítica de João Quartim de Moraes a Alfred Stepan ver MORAES (1985).

⁶ COELHO (1976).

militar da corporação e que identificam as Forças Armadas como representantes de determinadas classes sociais, Coelho afirma que o Exército passa por uma evolução por meio da qual se pode observar um isolamento progressivo em relação à influência da sociedade civil e o crescimento dos interesses e das demandas próprias da organização ⁷.

Ao tratar da formação da identidade do Exército brasileiro, Campos parte do pressuposto de que, para a definição dos valores e dos objetivos constitutivos da corporação, foi preciso conquistar um maior grau de autonomia em relação a outros grupos sociais. Além disso, para a formulação de seu próprio papel na sociedade foi necessária a presença de condições internas que favorecessem a existência de uma liderança do tipo institucional, tais como: agências específicas para a formação de líderes, isolamento relativo da liderança de modo a protegê-la das pressões que fluem dos liderados, agências de socialização e mecanismos de isolamento. ⁸

Partindo de uma perspectiva que se contrapõe às teses que dão ênfase a uma suposta homogeneidade militar, João Roberto Martins Filho atenta para o fato de que algumas características próprias da corporação, tais como a heterogeneidade, a divisão e a fluidez são de grande influência nas ações políticas castrenses. ⁹

Dentre os traços particulares das Forças Armadas, que podem explicar a diversidade e a fluidez de tendências políticas internas temos alguns princípios como os de cooptação e de verticalidade que regem as promoções e as nomeações de militares. Em tais princípios encontra-se, também, o fundamento da criação das redes de lealdade e da formação de clientelas no interior da corporação. ¹⁰

Em estudos mais recentes, como os feitos por Celso Castro e Piero de Camargo Leirner, temos a contribuição da antropologia para o estudo dos militares na política. Nesses dois trabalhos, percebe-se que seus olhares se direcionam para além das análises mais tradicionais em relação ao assunto. Assim, encontramos nos trabalhos desses dois autores novas possibilidades de abordagem e interpretação.

Celso Castro, em sua pesquisa de campo sobre a formação dos cadetes do Exército na Academia Militar das Agulhas Negras, ao tratar do processo de socialização, de

⁷ Idem, p. 27.

⁸ Idem, p. 128.

⁹ MARTINS FILHO. Op. cit., p. 36.

¹⁰ Idem, p. 37. O autor lista tais características da corporação militar a partir de um estudo feito por Alain Rouquié do caso argentino. Para Martins Filho, os aspectos encontrados nos militares argentinos podem ser úteis para o estudo do caso brasileiro. Ver ROUQUIÉ (1978, p.661).

construção da identidade militar por que passam esses futuros oficiais, afirma que o aprendizado de “como ser militar” se dá, principalmente, pela interação cotidiana com seus colegas e oficiais.¹¹

Tal processo de socialização objetivava a criação de uma elite dotada de homogeneidade e isenta de personalismos. Para isso, era necessário, portanto, que os cadetes ingressos na Escola Militar passassem por rituais que os afastassem de suas vidas pregressas. Vivendo na Escola Militar, em regime de internato; adquirindo um uniforme militar, um nome-de-guerra, um número; compartilhando refeições e alojamentos, a referência de cada um deixava de ser a família e passava a ser os outros alunos.¹²

Em outro estudo, em que é analisada a participação dos militares na Proclamação da República, Celso Castro considera fundamental o exame da socialização profissional e do universo cultural da chamada “mocidade militar”¹³. Utilizando-se de textos autobiográficos de ex-alunos, Castro percebe que, ao ingressar na Escola Militar da Praia Vermelha, ocorria uma grande mudança na vida desses jovens. Esse é o momento em que o jovem se afasta de sua família e de sua terra natal, assumindo como novo grupo de referência básico os outros alunos. Por meio de uma intensa convivência com seus pares é que ele se torna parte da “mocidade militar”¹⁴.

O início, no entanto era difícil. Para se tornar um aluno pleno, o novato precisava passar por um rito de passagem. No começo, enfatizava-se a separação do mundo no qual o indivíduo vivia antes de ingressar na Escola Militar: suas roupas civis eram trocadas por um uniforme, sendo-lhes atribuídos um nome-de-guerra e um número. Com o ingresso na Escola Militar, ele passava também a viver em regime de internato, com horários de saída previstos e alojamentos e refeições compartilhados¹⁵.

Parte importante desse processo que fazia com que o jovem se tornasse um militar era a fase dos trotes, onde o novato era colocado numa posição marginal. Durante cerca de três meses, o jovem era chamado de “bicho” e submetido a situações humilhantes. Embora os trotes envolvessem pequenas agressões físicas ou a apropriação de objetos pelos veteranos, os ex-alunos consideravam que o trote não era uma ofensa pessoal.

¹¹ CASTRO (1990, p.12).

¹² Idem, p. 130.

¹³ A chamada “mocidade militar” era formada por jovens oficiais, que ao final do período imperial era bastante influenciada pela pregação positivista e republicana do tenente-coronel e professor da Escola Militar, Benjamin Constant.

¹⁴ CASTRO (1995, p. 34).

¹⁵ Idem.

O trote era considerado, assim, uma ‘instituição democrática’, que a todos nivelava, sem considerar atributos de distinção social da vida dos novatos antes do ingresso na Escola. Todos eram inicialmente considerados impuros – ‘bichos’ – e, através dos trotes, provariam ser dignos de ingressar no ‘Tabernáculo da Ciência’. Além disso, não se deve esquecer que todo ‘bicho’ poderia potencialmente tornar-se, alguns anos mais tarde, um veterano trotista ¹⁶.

Nesse sentido, a socialização desses alunos se torna um fator que não só reforça a importância dos pares, mas cria laços horizontais de camaradagem e lealdade.¹⁷ Pode-se presumir, em um primeiro momento, que a criação desses tipos de laços pessoais entre os cadetes era totalmente espontânea. Entretanto, em outro trabalho de Celso Castro podemos notar que durante o processo de “invenção do Exército brasileiro” esses valores eram intencionalmente estimulados pela instituição militar. Castro cita um artigo da revista *A Defesa Nacional*, publicado em agosto de 1935, em que há o estímulo a uma campanha de defesa de certas qualidades militares, tais como: o espírito de ordem, a subordinação, a camaradagem, o sacrifício. Qualidades estas que estariam, naquele momento, sendo ameaçadas pela ação de “subversivos” ¹⁸.

Em texto mais recente, em que Celso Castro aborda a questão dos trotes no Colégio Naval, está mais uma vez presente a noção do trote como um rito de passagem necessário para a aprendizagem da hierarquia na vida militar ¹⁹. Para Castro, o trote é

o ponto focal de todo o processo ritual pelo qual passa no Colégio, de calouro a veterano, é a identidade militar: o aluno aprende o que significa ser um militar. Trata-se, portanto, de um processo eminentemente pedagógico, e a minha tese principal é a de que o trote, como um elemento específico do ritual, é fundamental no aprendizado e construção desta identidade. O trote é a dramatização daquilo que estrutura o estilo da vida militar: a hierarquia ²⁰.

O trabalho de Piero Leirner também nos leva a crer que os valores, como os de lealdade e camaradagem, são institucionalizados. Ao tratar da segmentação da corporação – resultante da hierarquia militar – Leirner cita um documento produzido pelo Estado-Maior do Exército, o Estatuto dos Militares, onde se encontra estabelecido que os “círculos

¹⁶ CASTRO (1995, p. 35).

¹⁷ Idem, p. 59

¹⁸ CASTRO (2002, p. 27). Acerca dos “subversivos”, cumpre destacar que se tratavam, na linguagem militar, dos comunistas que articularam um levante em 1935.

¹⁹ CASTRO, 2009.

²⁰ Idem, p. 589.

hierárquicos são o âmbito de convivência entre os militares da mesma categoria e têm a finalidade de desenvolver o espírito de camaradagem, em ambiente de estima e de confiança, sem prejuízo do respeito mútuo”²¹.

Ao tratar da questão da diferença entre liderança e comando, vemos que enquanto o comando está ligado à noção de competência, de merecimento; a formação de líderes está ligada à questão da confiança. Sobretudo no interior de pequenas unidades de combate, “os indivíduos subordinam o exercício de suas funções a uma lógica determinada pelas relações pessoais”²².

Um dos depoimentos tomados por Leirner nos mostra a influência das relações pessoais no momento das promoções²³. Assim, ainda que o mérito seja um elemento de grande importância na corporação militar, vemos que o sistema, sendo dotado de instâncias locais de decisão – onde há uma proximidade maior entre comandante e comandados – permite que a decisão do mérito esteja permeada pelas relações pessoais²⁴. Vemos então, que tal dinâmica favorece a formação de círculos de amizade e de influência. O estabelecimento de tais círculos de amizade pode ocorrer já no momento em que um aluno conclui o curso em uma escola militar e escolhe a primeira instância local de serviço, onde serão formadas as primeiras e mais estreitas relações pessoais fora da escola. O autor nos lembra que basta ler algumas biografias de militares que chegaram ao generalato para perceber que há uma repetição de nomes com quem ou para quem cada um deles trabalhou ou assessorou²⁵.

III

Procuramos, no presente artigo, fazer uma revisão das principais interpretações sobre as formas de inserção dos militares na política. Em algumas obras analisadas, podemos notar que foram priorizados aspectos externos à instituição castrense. Nesses casos, não foi possível observar uma maior aprofundamento em relação à questão da importância da

²¹ Estado-Maior do Exército. Estatuto dos militares, edição de 1980, impressão de 1994. Citado em LEIRNER (1997, p. 74).

²² LEIRNER (1997, p. 79).

²³ Depoimento de um capitão R/2 a Piero Leirner. “Tem uma gíria que é o ‘peixe’, se você é o peixe de alguém. Você fala, ‘aquele capitão lá, será que ele vai conseguir ir para algum lugar?’, ‘Ah! Ele é peixe do general!’ Ou então o contrário, se diz que ele foi peixado pelo fulano”. Idem, p. 80.

²⁴ Idem, p. 93.

²⁵ Idem, p. 94.

origem social e do processo de socialização militar. Apesar disso, há o reconhecimento por parte desses autores da existência e importância de tais fatores.

Em outros trabalhos como os de Celso Castro e Piero Leirner, encontramos elementos que puderam contribuir para a ideia de que características próprias da instituição castrense – mais especificamente a questão das relações de camaradagem, de amizade e de rivalidade – assim como o processo de formação e internalização do que é “ser militar”, exercem ponderável influência sobre a carreira dos militares e seus posicionamentos em relação à política. No entanto, constatamos que há ainda bastante espaço para o desenvolvimento de pesquisas mais aprofundadas sobre o papel dos laços pessoais, de lealdade e de camaradagem tanto em relação à tomada de decisões políticas como em relação à formação de grupos no interior das Forças Armadas.

Referências

- CASTRO, Celso. *O espírito militar: um estudo de antropologia social na Academia Militar das Agulhas Negras*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- _____. *Os militares e a República: um estudo sobre cultura e ação política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- _____. *A invenção do Exército brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2002.
- _____. “O trote no Colégio Naval: uma visão antropológica”. *Antíteses*, vol.2, n.4, jul.-dez. 2009, p. 569-595. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses>
- COELHO, Edmundo Campos. *Em busca de identidade: o Exército e a política na sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Forense-universitária. 1976.
- MARTINS FILHO, João Roberto. *O palácio e a caserna: a dinâmica militar das crises políticas da ditadura (1964-1969)*. São Carlos: Editora da UFSCar, 1996.
- ROUQUIÉ, Alain. *Pouvoir militaire et société politique en République Argentine*. Paris: Fondation Nationale des Sciences Politiques, 1978.
- STEPAN, Alfred. *Os militares na política: a mudança de padrões na vida brasileira*. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.

Resumo: O presente artigo procura traçar algumas particularidades presentes na formação militar e analisar a influência dessa formação no comportamento político dos militares e na sua relação com o mundo civil. Para isso, é feita a revisão de autores clássicos para o estudo dos militares como Alfred Stepan, Edmundo Campos Coelho, assim como são apresentados os trabalhos mais recentes de João Roberto Martins Filho, Celso Castro e Piero Leirner – que nos trazem novas interpretações e abordagens acerca de questões como a origem social e o processo de socialização profissional dos militares e a influência de tais fatores na tomada de decisões políticas.

Palavras-chave: Militares; Formação; Socialização profissional; Política.

Resumen: Este artículo esboza algunas peculiaridades que se encuentran en el entrenamiento militar y hace un análisis de la influencia de esta formación en el comportamiento político de los militares y su relación con el mundo civil. Para ello, es hecho una revisión de los autores clásicos para el estudio de los militares, como Alfred Stepan, Edmundo Campos Coelho, así como son presentados los trabajos más contemporáneos de João Roberto Martins Filho, Celso Castro y Piero Leirner – que aportan nuevas interpretaciones y enfoques sobre temas como el entorno social y el proceso de socialización profesional de los militares y la influencia de tales factores en la toma de decisiones políticas.

Palabras clave: Militares; Entrenamiento Militar; La Socialización Profesional; Política.